

## Propriedades Psicométricas da Escala de Intenções Frente à Infidelidade (EII)

Valdiney Veloso Gouveia<sup>1</sup>  
 Renan Pereira Monteiro<sup>2</sup>  
 Bruna da Silva Nascimento<sup>3</sup>  
 Tátilla Rayane de Sampaio Brito<sup>4</sup>  
 Alessandro Teixeira Rezende<sup>4</sup>  
 Maria Gabriela Costa Ribeiro<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

<sup>2</sup>Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

<sup>3</sup>Universidade de Bath, Bath, Reino Unido

<sup>4</sup>Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### Resumo

O presente estudo objetivou adaptar ao contexto brasileiro a Escala de Intenções frente à Infidelidade (EII), conhecendo seus parâmetros psicométricos. Realizou-se dois estudos com pessoas que indicaram estar em um relacionamento amoroso. No Estudo 1 participaram 161 pessoas (idade média = 24,9), que responderam a EII e perguntas demográficas. Os resultados indicaram a unifatorialidade desta escala ( $\alpha = 0,85$ ), cujos itens mostraram-se discriminativos (amplitude do theta variou de -0,5 a 3,0). No Estudo 2 participaram 236 pessoas (média de idade = 25,5), que responderam os mesmos instrumentos. Os resultados apoiaram a estrutura unifatorial (e.g., CFI = 0,95 e TLI = 0,93), que se mostrou invariante quanto ao sexo ( $\Delta$ CFI e  $\Delta$ RMSEA < 0,01). Concluindo, os achados apoiaram a adequação dos itens da EII, como também indicaram evidências de sua validade fatorial e consistência interna, favorecendo que possa ser utilizada em pesquisas que buscam conhecer os correlatos da infidelidade. *Palavras-chave:* infidelidade, medida, validade, precisão, discriminação

### Psychometric Properties of the Intentions Toward Infidelity Scale (IIS)

#### Abstract

This study aimed to adapt the Intentions Toward Infidelity Scale (IIS) to the Brazilian context, knowing its psychometric parameters. Two studies were carried out with people who were in a romantic relationship. Study 1 included 161 participants (mean age = 24.9), who responded to the IIS and demographic questions. Results indicated the one-factor solution for this scale ( $\alpha = 0.85$ ), whose items showed reasonable discriminative power (theta ranging from -0.5 to 3.0). Study 2 included 236 participants (mean age = 25.5), who answered the same instruments. Results supported the one-factor structure (e.g., CFI = .95 and TLI = .93), which showed invariant across sex ( $\Delta$ CFI and  $\Delta$ RMSEA < 0.01). In conclusion, the findings supported the adequacy of the IIS items, but also indicated evidence of its factorial validity and internal consistency, favoring its use in studies looking to investigate the correlates of infidelity.

*Keywords:* Infidelity; measure; validity; reliability; discrimination.

### Propiedades Psicométricas de la Escala de Intención hacia la Infidelidad (EII)

#### Resumen

Este estudio tuvo por objetivo adaptar al contexto brasileño la Escala de Intenciones frente a Infidelidad (EII), conociendo sus parámetros psicométricos. Se realizaron dos estudios con personas que informaron estar en una relación amorosa. En el Estudio 1 participaron 161 personas (edad promedio = 24,9), quienes respondieron a la EII y preguntas demográficas. Los resultados indicaron una estructura unifactorial de la escala ( $\alpha = 0,85$ ), cuyos ítems fueron discriminatorios (amplitud de theta varió de -0,5 a 3,0). El Estudio 2 contó con 236 personas (edad promedio = 25,5), que respondieron los mismos instrumentos. Los resultados indicaron estructura unifactorial (e.g., CFI = 0,95 y TLI = 0,93), que se mostró invariable con respecto a sexo ( $\Delta$ CFI y  $\Delta$ RMSEA < 0,01). Los resultados confirmaron adecuación de los ítems de EII, como también indicaron evidencias de validez factorial y consistencia interna, lo que favorece su uso en investigaciones que procuran conocer conexiones de infidelidad.

*Palabras-clave:* Infidelidad; medida; validez; precisión; discriminación.

Existem concepções distintas sobre os aspectos que caracterizam a infidelidade. Por exemplo, há quem a conceba como a prática do sexo fora do relacionamento primário, mas também tem quem a considere a partir do estabelecimento de um vínculo emocional com o(a) outro(a) que não com quem se assumiu um compromisso prévio (Moller & Vossler, 2015). Uma concepção mais abrangente é provida por Luo, Cartun e Snider (2010), indicando que a infidelidade é expressa

quando comportamentos aceitáveis apenas dentro de um relacionamento amoroso, pautado na exclusividade, são praticados com qualquer um(a) fora desta relação.

Apesar de ser um tema delicado e reprovável socialmente, dados com amostras representativas da população têm mostrado que a infidelidade é um fenômeno relativamente comum. Verificam-se pesquisas que evidenciam desde o envolvimento físico/sexual com outras pessoas, até o estabelecimento de vínculos

emocionais e afetivos. Considerando a primeira perspectiva, tem-se o empreendimento realizado em contexto estadunidense por Burdette, Ellison, Sherkat e Gore (2007), em que aproximadamente 17% dos 7.791 participantes do estudo afirmaram ter praticado sexo fora do casamento. Ainda avaliando a infidelidade a partir do viés sexual, estimativas mais elevadas são encontradas com uma amostra norueguesa, composta por 2.807 pessoas, em que 25% indicaram já ter se envolvido em relações sexuais fora do relacionamento primário (Trøen, Holmen, & Stigum, 2007). Contando com amostra de namorados ( $N = 783$ ), Martins et al. (2016) verificaram que 17,7% afirmaram já ter se envolvido em comportamento extradiádico de cunho físico/sexual, ao passo que 58,7% se envolveram emocionalmente com alguém fora do relacionamento primário.

Os dados ora apresentados, endossam que a infidelidade, mesmo sendo uma prática moralmente reprovável, é recorrente. Entretanto, não se podem negar os efeitos desastrosos oriundos de uma traição amorosa, indo desde a dissolução de um relacionamento até a prática de crimes passionais (Allen & Atkins, 2012; Amato & Previti, 2003; Rao, 2014). Ademais, sofrer uma traição ou ser exposto a cenários de infidelidade pode resultar em reações diversas, como sentir-se deprimido, magoado e humilhado, ou mesmo experimentar sensações de nojo e raiva (Becker, Sagarin, Guadagno, Millevoi, & Nicastle, 2004; Shackelford, LeBlanc, & Drass, 2000). É importante ressaltar que tanto a infidelidade sexual quanto a emocional podem gerar sofrimento no indivíduo que foi traído, sendo que a primeira gera mais desconforto entre os homens, ao passo que a segunda o faz em maior medida entre as mulheres, quando estes são forçados a escolher entre um ou outro tipo de infidelidade como mais estressante (Krueger et al., 2015). Por outro lado, quando podem responder livremente, homens e mulheres avaliam ambos os tipos de infidelidade como igualmente estressantes (Lishner, Nguyen, Stocks, & Zillmer, 2008). Tagler e Jeffers (2013), por sua vez, ressaltam que os homens, em relação às mulheres, tendem a reagir com mais angústia à infidelidade sexual quando comparado com a infidelidade emocional. Os teóricos evolucionistas interpretam essa diferença como evidência de pressões sexuais. Em contraste a essa ideia, concentrando-se apenas nos efeitos simples dentro de cada sexo, teóricos sócio-cognitivos sugerem que os homens e mulheres não diferem em suas reações à infidelidade do parceiro (Tagler & Jeffers, 2013).

Tendo em vista a nocividade da infidelidade para o relacionamento em si e o bem-estar geral dos implicados, estudos têm buscado mensurar e prever este comportamento. Especificamente na área das medidas, observam-se instrumentos que procuram avaliar, por exemplo, as atitudes frente à infidelidade, conhecendo o grau de permissividade das pessoas (e.g., *Perceptions of Dating Infidelity Scale*; *Attitudes Toward Infidelity Scale*; Whatley, 2008; Wilson, Mattingly, Clark, Weidler, & Bequette, 2011), ou mesmo aqueles que avaliam diretamente a frequência de comportamentos extradiádicos (e.g., *Extradyadic Behavior Inventory*; Lou et al., 2010).

Apesar da relevância das medidas supracitadas, destaca-se que as atitudes, apesar de terem um papel importante para a explicação de comportamentos, não são os seus melhores preditores (Armitage & Conner, 2001). Por outro lado, mensurar diretamente o comportamento infiel pode ser pouco útil para prever infidelidade futura, tendo o propósito de aferir um ato concreto e específico, que pode ocorrer esporadicamente, não significando que terá continuidade. Neste contexto, destacam-se as intenções como fortes preditoras de comportamentos. As intenções podem ser compreendidas como elementos que apreendem aspectos motivacionais que influenciam na realização de um comportamento; estima-se que quanto mais forte for a intenção, tanto mais provável será o comportamento correspondente (Ajzen, 1991). Portanto, é possível situar, em termos hierárquicos, as intenções como um elemento resultante de normas sociais, pressões grupais e atitudes, compreendendo o antecedente mais próximo do comportamento (Ajzen, 2002). Nesta direção, Jones, Olderbak e Figueredo (2011) sugerem a importância de contar com instrumentos que permitam mensurar as intenções de ser infiel, estimando a probabilidade de as pessoas se engajarem em condutas infieis no futuro. Tais autores propuseram, portanto, a *Intentions Toward Infidelity Scale* que será apresentada em maiores detalhes no tópico seguinte.

#### *Escala de Intenções frente à Infidelidade*

Considerando o caráter preditor das intenções em relação ao comportamento futuro, a medida proposta por Jones et al. (2011) parece ser uma alternativa promissora para se avaliar a propensão das pessoas em trair seus parceiros. Sua Escala de Intenções frente à Infidelidade (EII; *Intentions Toward Infidelity Scale*) tem a vantagem de ser curta, composta por apenas sete itens que, hipoteticamente, formam um fator global que

indica o quanto as pessoas estão propensas a traírem seus parceiros.

No capítulo do *Handbook of Sexuality – Related Measures* em que apresentam a EII, Jones et al. (2011) não testam seus parâmetros psicométricos, comentando apenas acerca de estudos prévios que a utilizaram (Jones, 2009; Olderbak, 2008), os quais não têm sido encontrados na literatura ou são disponibilizados por seus autores. Estes, entretanto, sugerem que seus achados atestam a consistência interna desta medida e oferecem evidências de validades de critério, convergente e discriminante. Contudo, estudo mais recente de Olderbak e Figueredo (2012) indica que as pontuações nesta escala estão negativamente associadas com a satisfação com o relacionamento e o(a) parceiro(a), sendo também menor o comprometimento com este(a). Estes autores também observaram coeficiente de consistência interna adequada para sua estrutura unifatorial ( $\alpha = 0,72$ ).

Brewer e Abell (2015) verificaram correlações entre a EII e variáveis de cunho pessoal. Especificamente, observaram que as pontuações nessa escala se correlacionaram positivamente com o traço de personalidade denominado como maquiavelismo e certas motivações egoístas para fazer sexo (e.g., vingança, busca por experiências). Neste estudo, a consistência interna desta medida de infidelidade foi considerada adequada ( $\alpha = 0,83$ ). Em outro estudo, Brewer, Hunt, James e Abell (2015) verificaram que as pontuações na EII se correlacionaram positivamente com os traços de personalidade que configuram a tríade sombria, isto é, maquiavelismo, psicopatia e narcisismo, como também o fizeram com experiências prévias de infidelidade. Como ocorreu em estudos prévios, essa medida mostrou coeficiente aceitável de consistência interna ( $\alpha = 0,73$ ).

Em seu estudo em que utilizou a EII, Jackman (2015) buscou conhecer os preditores das intenções de ser infiel. Os resultados deste estudo mostraram que tais intenções foram moderadamente explicadas pelas atitudes permissivas frente à infidelidade, e, em menor medida, por um contexto que aprova ou tolera a infidelidade e pela percepção de facilidade em atrair um parceiro. No caso da escala sob análise, sua consistência interna pode ser considerada satisfatória ( $\alpha = 0,77$ ).

Em resumo, a Escala de Intenções frente à Infidelidade representa uma vantagem em relação a instrumentos prévios, na medida em que avalia intenções, as quais têm se mostrado melhores preditoras do comportamento em comparação com outros construtos

como atitudes e normas, por exemplo. Deste modo, esta medida tem potencial para contribuir com estudos que pretendam explicar a infidelidade, conhecendo os antecedentes e consequentes deste ato que pode comprometer relacionamentos amorosos. Conta com a vantagem de ser uma medida abreviada, reunindo evidências de consistência interna para sua presumível estrutura unifatorial. Apesar dos estudos que a usaram, não foi encontrado qualquer um que tenha checado sua validade fatorial. Portanto, inexistindo igualmente estudo no Brasil acerca desta medida, decidiu-se adaptá-la ao contexto brasileiro, conhecendo evidências de sua validade e consistência interna. Nesta direção, realizaram-se dois. O primeiro foi estruturado com objetivo de reunir evidências eminentemente preliminares da EII. Enquanto que o segundo estudo visou reunir evidências que confirmassem a estrutura encontrada no primeiro estudo, verificando se a mesma se mantinha invariante, ou equivalente em uma amostra distinta. Os dois estudos serão pormenorizados a seguir.

### Estudo 1. Estrutura Fatorial e Análise dos Itens da EII

Este estudo pretendeu adaptar esta medida ao contexto brasileiro, realizando sua tradução, checando o poder discriminativo de seus itens, evidências de sua validade fatorial e consistência interna. Com intuito de fornecer evidências complementares a Teoria Clássica dos Testes (TCT), buscou-se obter informações sobre a dificuldade e discriminação dos itens da EII a partir do emprego da TRI (Teoria de Resposta ao Item). Adicionalmente a isso, realizou-se a validade concorrente do instrumento, a fim de avaliar em que medida a intenção de traír prediz o comportamento de infidelidade.

## **Método**

### *Participantes*

Contou-se com a participação de 161 pessoas (74,5% mulheres; média de idade = 24,9;  $DP = 6,41$ ), que indicaram estar em um relacionamento amoroso. Quando indagadas sobre o histórico de infidelidade no relacionamento atual e anterior, 37,3% afirmaram já ter traído ao menos uma vez. Tratou-se de amostra de conveniência, tendo participado os que concordaram voluntariamente em fazer parte do estudo.

### *Instrumentos*

Os participantes responderam um livreto contendo medidas que faziam parte de um projeto mais amplo sobre traços de personalidade e valores, que

incluiu perguntas demográficas (sexo, idade, estado civil e se já havia traído) e a Escala de Intenções frente à Infidelidade. Esta foi elaborada por Jones et al. (2011), procurando avaliar a probabilidade de trair um(a) parceiro(a) com quem se esteja em um relacionamento amoroso. Está formada por sete itens [e.g., Seria infiel com meu parceiro(a) se soubesse que não seria descoberto; Contaria a meu parceiro(a) que fui infiel a ele/ela], que são respondidos em escala de sete pontos, variando de -3 (*nada provável*) +3 (*extremamente provável*).

A tradução da EII foi realizada pelo procedimento de *back translation*: um psicólogo bilingue a traduziu para o português e, posteriormente, um segundo também bilingue retraduziu esta versão para o inglês; um terceiro psicólogo bilíngue comparou as duas versões em inglês (original e retraduzida), checando que havia equivalência. Entretanto, com o propósito de contar com uma versão final adequada à realidade brasileira, decidiu-se efetuar modificações na escrita dos itens, atendendo ao critério da variedade (Pasquali, 2010), uma vez que na versão original os itens invariavelmente começavam com a expressão “*how likely*”. Por fim, submeteu-se à versão preliminar ao processo de validação semântica, contando com a participação de dez estudantes universitários que foram orientados a indicar qualquer incompreensão nos itens e na escala de resposta. Nenhuma modificação foi sugerida, podendo a pessoa interessada solicitar a versão final desta medida a um dos autores do presente artigo.

#### *Procedimento*

Optou-se por realizar a coleta dos dados por meio de um questionário *on-line*, construído na plataforma *Formulários Google*. No caso, utilizou-se do procedimento de “bola de neve”, onde o *link* do questionário foi compartilhado em redes sociais, solicitando aos respondentes que o divulgassem entre seus contatos. Prévio ao preenchimento do questionário, ofereceram-se informações sobre a pesquisa, seus objetivos, a natureza voluntária da participação e o seu caráter anônimo. Demandava-se, ainda, ler e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em linha com o disposto na Resolução CNS 466/12. Em média, os participantes levaram cerca de 15 minutos para concluir suas respostas. Esta pesquisa foi submetida a um Comitê de Ética em Pesquisa e recebeu parecer favorável (CAAE 57408016.0.0000.5188) o que possibilitou a coleta de dados.

#### *Análise dos Dados*

Os dados foram analisados por meio dos programas estatísticos *Factor*, R e PASW. Com o primeiro foi realizada a análise fatorial exploratória; com o segundo, por meio do pacote *ltm* (Rizopoulos, 2006), permitiu checar a dificuldade e o poder discriminativo dos itens, especificamente com o Modelo de Resposta Graduada, considerando a natureza politômica da escala (Samejima, 1969); e, por fim, com o PASW foram calculadas as estatísticas descritivas, o coeficiente alfa de Cronbach e análise de regressão logística.

### **Resultados**

Considerando a natureza ordinal da escala de resposta da medida utilizada, optou-se por efetuar uma análise fatorial exploratória a partir da matriz de correlações policóricas, que se mostrou fatorável (KMO = 0,82; Teste de Esfericidade de Bartlett = 547,  $p < 0,001$ ). Para determinar o número de fatores, optou-se pelo método Hull, adotando-se o estimador Unweighted Least Squares (ULS), que apontou a pertinência de uma solução unifatorial com autovalor de 3,31, explicando 47% da variância total. As cargas fatoriais observadas variaram entre 0,48 e 0,76, enquanto as comunalidades ficaram entre 0,23 e 0,58. Apesar da comunalidade de três itens ter ficado abaixo de 0,30, considerando que o fator é representado por uma quantidade satisfatória de itens e que as cargas fatoriais estão acima de 0,40, assume-se que a solução fatorial encontrada é aceitável. Esta solução fatorial apresentou consistência interna (alfa de Cronbach) adequada ( $\alpha = 0,85$ ). Detalhes destes resultados são mostrados na Tabela 1.

Checada a dimensionalidade do instrumento, decidiu-se analisar os parâmetros individuais de cada item por meio do Modelo de Resposta Graduada (Samejima, 1969). Os resultados desta análise são mostrados na Tabela 2, indicando-se a quantidade de informação, dificuldade e discriminação de cada item.

Avaliando os achados da Tabela 2, pode-se observar que os itens que formam a EII ofereceram 46,13 de informação psicométrica [ $I(\theta; -3/+3) = 43,38$ ], tendo sido o item 7 o mais informativo [ $I(\theta; -3/+3) = 9,52$ ]. Na Figura 1 é possível visualizar a informação psicométrica fornecida pela medida, sendo o instrumento mais informativo para avaliar aqueles que possuem theta entre -0,5 e 3,0.

No que tange à discriminação, observou-se um valor médio de 2,52 (DP = 0,97), sendo que os itens 3, 4 e 5 apresentaram alta discriminação, variando de 1,35

Tabela 1  
Estrutura Fatorial da Escala de Intenções frente à Infidelidade

Itens	Saturação	h <sup>2</sup>
Item 7. Seria infiel com o(a) meu (minha) atual ou futuro(a) marido (esposa).	0,76	0,58
Item 6. Seria infiel com um(a) futuro(a) parceiro(a).	0,74	0,54
Item 2. Mentiria para meu (minha) parceiro(a) sobre ser infiel a ele(a).	0,67	0,45
Item 1. Seria infiel com o meu (minha) parceiro(a) se soubesse que não seria descoberto.	0,65	0,43
Item 5. Esconderia o meu relacionamento de uma pessoa atraente que acabei de conhecer.	0,51	0,26
Item 3. Contaria a meu (minha) parceiro(a) que fui infiel a ele(a).	0,50	0,25
Item 4. Conseguiria me safar após ter sido infiel com meu (minha) parceiro(a).	0,48	0,23
Número de itens	7	
Autovalor	3,31	
% de Variância	47	
Alfa de Cronbach	0,85	

Tabela 2  
Dificuldade, Discriminação e Informação Psicométrica

	a	b <sub>1</sub>	b <sub>2</sub>	b <sub>3</sub>	b <sub>4</sub>	b <sub>5</sub>	b <sub>6</sub>	I ( $\theta$ ; -3/+3)
Intenções frente à Infidelidade								43,38
Item 1	3,46	0,36	0,90	1,02	1,32	1,54	1,94	9,30
Item 2	2,96	0,09	0,56	0,88	1,12	1,38	1,49	6,90
Item 3	1,56	-0,85	-0,26	0,15	0,58	0,71	0,94	2,90
Item 4	1,35	-0,21	0,41	0,94	1,56	1,97	2,81	2,51
Item 5	1,62	0,50	0,94	1,36	1,73	2,07	2,83	2,89
Item 6	3,10	0,27	0,79	1,23	1,95	2,26	2,71	9,36
Item 7	3,60	0,78	1,17	1,35	1,63	2,05	2,28	9,52

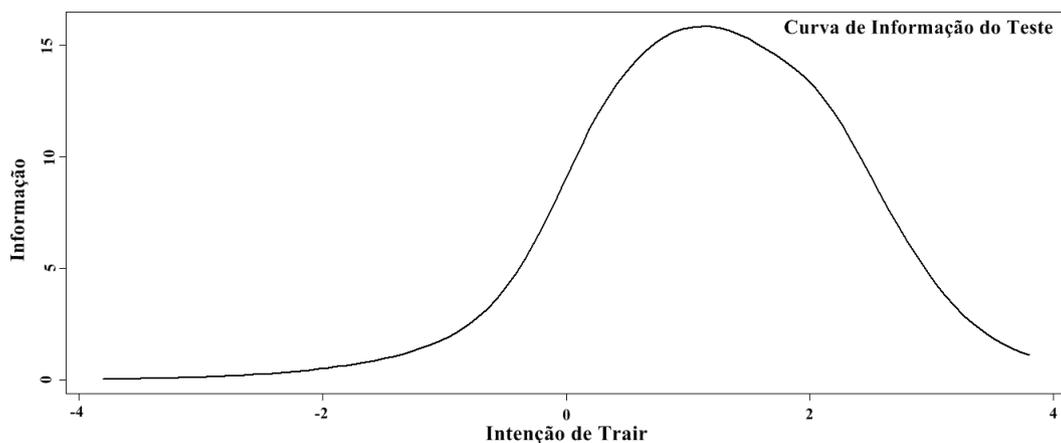


Figura 1. Curva de informação da EII.

a 1,69. Os demais itens apresentaram uma discriminação muito alta, com valores excedendo 1,70 (Baker, 2001). No que diz respeito à dificuldade, verificou-se que o item 3 foi o que exigiu menor quantidade de theta quanto à probabilidade de ser endossado, ou seja, até mesmo quem não possuía elevada intenção de trair, omitiria a infidelidade a seu(sua) parceiro(a) caso o(a) traísse. Por outro lado, o item mais difícil foi o 5, de modo que para haver concordância plena com o seu conteúdo se exigia do participante uma quantidade elevada de traço latente ( $b_6 = 2,83$ ).

Por fim, buscando checar evidência de validade concorrente da EII, realizou-se uma análise de regressão logística. No caso, considerou-se a pontuação nesta medida como preditora e o autorrelato de ter (1) ou não (0) traído como a variável critério. Os resultados apontaram que as pessoas que possuem elevada intenção de trair têm um histórico de infidelidade 2,79 vezes maior do que aqueles sem qualquer histórico [ $B = 1,02$ , Wald (1) = 33,44,  $p < 0,001$ ]. Resta, entretanto, corroborar as evidências de validade, procurando também checar sua invariância fatorial, o que suscitou o estudo a seguir.

### Estudo 2. Testando a Estrutura Unifatorial e a Invariância da EII

Este segundo estudo procurou checar evidências de validade fatorial e concorrente da EII, conhecendo também sua consistência interna. Diferentemente do estudo anterior, o presente tem uma abordagem confirmatória, buscando corroborar a estrutura unifatorial proposta no Estudo 1. Além disso, pretendeu avaliar a invariância fatorial desta medida, considerando uma das variáveis-chave quando se trata da propensão à infidelidade: o sexo do indivíduo.

### Método

#### *Participantes*

Participaram deste estudo 236 pessoas (70,8% mulheres; média de idade = 25,5;  $DP = 5,82$ ) que indicaram estar em um relacionamento amoroso. Quando questionados acerca do seu histórico de infidelidade, 39% afirmaram já ter traído ao menos uma vez, seja o(a) atual ou o(a) parceiro(a) anterior. Tratou-se de amostra de conveniência, tendo participado os que concordaram em fazê-lo voluntariamente.

#### *Instrumentos e Procedimento*

Foram utilizados os mesmos instrumentos e procedimento descritos *no Estudo 1*.

#### *Análise de Dados*

Utilizaram-se os programas estatísticos PASW e R. Com o primeiro foram calculadas as estatísticas descritivas, a consistência interna da medida ( $\alpha$ ) e a regressão logística para checar evidências de validade concorrente. A partir do segundo programa, especificamente por meio dos pacotes *Lavaan* (Rosseel, 2012) e *semTools* (Pornprasertmanit et al., 2015), realizou-se a análise fatorial confirmatória e foi avaliado se a estrutura fatorial correspondente era invariante quanto ao sexo dos participantes. Com o fim de aferir a adequação do modelo, tiveram-se em conta os seguintes indicadores de ajuste (entre parênteses os valores aceitáveis; Byrne, 2010; Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009):  $\chi^2/df$  (recomendável entre 2 e 3, sendo aceitável  $< 5$ ), *Comparative Fit Index* (CFI; aceitável  $\geq 0,90$ ), *Tucker Lewis Index* (TLI; aceitável  $\geq 0,90$ ), *Root Mean Square Error Approximation* (RMSEA; recomendável  $\leq 0,05$ , sendo aceitável  $< 0,10$ ) e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR  $< 0,05$ ).

Para avaliar se a estrutura fatorial seria invariante quanto ao sexo, tiveram-se em conta os seguintes indicadores:  $\Delta\chi^2$ ,  $\Delta CFI$  e  $\Delta RMSEA$ . Com relação às diferenças entre qui-quadrado e graus de liberdade, a invariância existe quando não há diferenças entre o modelo testado e o de referência. Não obstante, restrições são feitas a este indicador, sobretudo por sua sensibilidade ao tamanho amostral (Damásio, 2013). Nesta direção, optou-se por considerar, além do  $\Delta\chi^2$ , dois outros indicadores ( $\Delta CFI$  e  $\Delta RMSEA$ ), onde a diferença entre o modelo testado e o de referência não deve ultrapassar 0,01 (Milfont & Fischer, 2010).

### Resultados

Realizou-se uma Análise Fatorial Confirmatória utilizando o estimador *Weighted Least Squares Means and Variance Adjusted* (WLSMV). Os indicadores de ajuste do modelo aos dados apontaram para a pertinência da estrutura unifatorial [ $\chi^2/df = 1,72$ , CFI = 0,95, TLI = 0,93, RMSEA = 0,055 (IC90% = 0,009 – 0,092) e SRMR = 0,05]. No que se refere às saturações ( $\lambda$ ), todas foram diferentes de zero ( $\lambda \neq 0$ ;  $z > 1,96$ ,  $p < 0,05$ ), apresentando valor médio de 0,60 ( $DP = 0,14$ ), variando de 0,38 [Item 4. Conseguiria me safar após ter sido infiel com meu (minha) parceiro(a)] a 0,79 [Item 2. Mentiria para meu (minha) parceiro(a) sobre ser infiel a ele(a)]. A consistência interna desta medida se mostrou adequada ( $\alpha = 0,79$ ). Na Figura 2 é apresentado um sumário desse modelo.

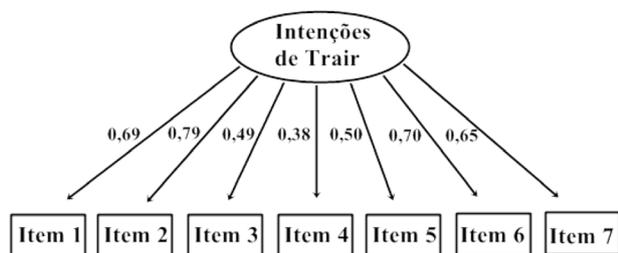


Figura 2. Estrutura fatorial da escala de Intenções frente à Infidelidade.

Posteriormente, calculou-se uma análise fatorial confirmatória multigrupo com o fim de conhecer se os pesos de regressão e interceptos dos itens da EII eram invariantes quanto ao sexo dos participantes (Tabela 3). Primeiro, avaliou-se o modelo de referência (base), sem qualquer restrição, que se mostrou aceitável para ambos os grupos. Em seguida foram impostas restrições no que se refere às cargas fatoriais (invariância métrica) e interceptos (invariância escalar). Nesse caso, o modelo testado quando comparado com o prévio não diferiu quanto ao qui-quadrado e graus de liberdade, além dos valores do  $\Delta CFI$  e  $\Delta RMSEA$  ( $< 0,01$ ), apoiarem a invariância fatorial desta medida.

Por fim, como no estudo anterior, procurou-se checar evidência de validade concorrente da EII. Por meio de uma análise de regressão logística, verificou-se que as intenções predisseram o histórico de comportamento infiel [ $B = 0,84$ , Wald (1) = 35,62,  $p < 0,001$ ]. No caso, as pessoas que indicaram maiores intenções de traír tiveram um histórico de infidelidade 2,31 vezes maior do que aquelas com menores pontuações nesta escala.

## Discussão

A partir dos dois estudos anteriormente descritos se pretendeu adaptar ao contexto brasileiro a Escala

de Intenções frente à Infidelidade, procurando reunir evidências de seus parâmetros psicométricos tendo em conta procedimentos fundamentados na Teoria Clássica dos Testes e Teoria de Resposta ao Item. Considerando os achados, confia-se que os objetivos propostos tenham sido alcançados.

Especificamente, a partir da Análise Fatorial Exploratória (método Hull), utilizando matriz de correlações policóricas e estimador ULS, verificou-se a pertinência de uma solução unifatorial para esta escala, cujos itens apresentaram saturações acima dos pontos de corte recomendados na literatura (Pasquali, 2012; Stevens, 1992). Ademais, este instrumento apresentou coeficientes de consistência interna adequados ( $\alpha > 0,70$ ; Urbina, 2007; Pasquali, 2003), corroborando e sendo inclusive mais promissores do que aqueles relatados em estudos prévios (Brewer & Abell, 2015; Jackman, 2015). Estes achados sugerem que se trata de uma medida adequada para a avaliação das intenções de traír em diferentes contextos, configurando-se como uma ferramenta importante para a comparação de tais intenções entre diferentes culturas, já que o contexto cultural possui influência sobre este construto (Nowak et al., 2014).

Ainda no que se refere à dimensionalidade, por meio de uma Análise Fatorial Confirmatória, utilizando-se de estimador robusto, não paramétrico (WLSMV), foi possível observar a adequação do modelo unifatorial, que apresentou indicadores de ajuste satisfatórios de acordo com a literatura (Byrne, 2010; Hair et al., 2009). Nesta direção, a partir de abordagens distintas (exploratória e confirmatória) checou-se a plausibilidade da estrutura fatorial da medida, que avalia a disposição geral que as pessoas podem ter para envolver-se, ou não, em relações extradiádicas no futuro. Estes achados endossam a ideia inicial de Jones et al. (2011) de que os sete itens da medida formariam um fator global que indica a propensão das pessoas para traírem seus parceiros. Ademais, em estudos prévios verificou-se que a EII apresentou coeficiente alfa que suporta a estrutura unifatorial, além de evidências

Tabela 3

*Invariância Fatorial da Escala de Intenções frente à Infidelidade quanto ao Sexo*

Modelos	$\chi^2$ (gl)	$\Delta\chi^2$ / gl	CFI	$\Delta CFI$	RMSEA	$\Delta RMSEA$
Invariância Configural	64,84 (28)	-	0,913	-	0,106	-
Invariância Métrica	74, 72 (34)	9,88 (6)	0,904	0,009	0,101	0,005
Invariância Escalar	83,97 (40)	9,24 (6)	0,896	0,008	0,097	0,004

em torno de sua validade concorrente, reforçando a adequação da solução fatorial encontrada (Brewer & Abell, 2015; Brewer et al., 2015).

Com evidências consistentes sobre a estrutura da medida, o passo seguinte foi avaliar o seu funcionamento em diferentes grupos. Especificamente, o sexo tem se mostrado um importante fator de variabilidade em relação à infidelidade, sendo reportado que os homens são mais propensos a trair (Brand, Markey, Mills, & Hodges, 2007). Sendo assim, é fundamental garantir que as diferenças entre os grupos sejam em função de diferenças reais no traço latente e não em função de o instrumento funcionar de forma distinta para homens e mulheres. Por meio de análise fatorial confirmatória multigrupo, reuniram-se evidências de que esta estrutura fatorial da EII mostrou invariância (configural, métrica e escalar) quanto ao sexo, descartando o funcionamento diferencial do instrumento em cada grupo (Damásio, 2013; Milfont & Fischer, 2010).

Com relação aos parâmetros individuais dos itens, observou-se que todos apresentaram discriminação satisfatória de acordo com as diretrizes propostas por Baker (2001) que considera valores abaixo de 0,64 como discriminação baixa, entre 0,65 e 1,34 como moderada e acima de 1,35 como possuindo discriminação alta. No que tange à dificuldade, de modo geral, os itens exigiram uma quantidade maior de theta para serem endossados; o teste é mais adequado para avaliar pessoas com habilidade entre -0,5 e 3,0, havendo um nível ótimo de funcionamento em torno do nível de habilidade 1,00. Não obstante, para as extremidades, sobretudo a que envolve os menores valores de theta, é possível que esta medida seja menos eficaz. Em outras palavras, o instrumento avalia com precisão sobretudo participantes que pontuam em torno de 1,00 em intenção de cometer infidelidade.

Além dos parâmetros anteriormente comentados, a medida apresentou capacidade preditora do comportamento infiel autorrelatado. Isso foi também verificado no estudo de Brewer et al. (2015), os quais observaram que a pontuação total na EII se correlacionou positiva e moderadamente com o histórico de comportamento infiel. Nesta direção, reforça-se o papel das intenções como predictoras do comportamento de trair (Ajzen, 1985, 1991; Fishbein & Ajzen 1975). Não obstante, como a traição não depende exclusivamente da vontade do indivíduo, caberá no futuro ter em conta o controle percebido do comportamento, aspecto importante quando a predição do comportamento não depende

apenas do controle volitivo (Ajzen, 2002). Ademais, é fundamental proceder com a adaptação de medidas que avaliem atitudes frente à infidelidade, possibilitando a testagem de modelos mais compreensivos, a exemplo daquele do comportamento planejado. Em outras palavras, esta medida poderá ser importante na utilização de estudos que visem a observar os três componentes para a intenção do comportamento, isto é, as atitudes frente à infidelidade, a norma subjacente do contexto ao qual o indivíduo está inserido e o controle percebido da situação (Ajzen, 1985, 1991).

No âmbito psicométrico, sugere-se futuramente conhecer a estabilidade temporal da EII. De igual relevância será mensurar as intenções em um primeiro momento e, futuramente, medir os comportamentos extradiádicos praticados no intervalo entre o teste e o reteste, verificando evidências complementares sobre o poder preditivo desta medida. No que se refere aos seus correlatos, evidências têm indicado que as intenções e o comportamento infiel possuem uma base personalística (Brewer & Abell, 2015; Brewer et al., 2015; Schmitt, 2004). Contudo, é importante apontar que se um indivíduo afirma que há probabilidade de ser infiel em um relacionamento, isso pode ser um indicativo de que algo não vai bem em sua relação. Portanto, ainda como direcionamentos futuros, a EII poderá ser uma ferramenta útil como indicativo da qualidade do relacionamento, podendo ser um importante correlato acerca da satisfação da pessoa com o(a) seu(sua) parceiro(a) e com a relação.

Apesar dos achados descritos, é importante pontuar limitações potenciais dos estudos. A natureza e o tamanho da amostra e o componente de desejabilidade social de medida de autorrelato devem ser ponderados ao se analisar os resultados. No que se refere a amostra, o número de participantes do Estudo 1 foi menor ( $N < 200$ ), contudo, foram seguidas indicações gerais na literatura que apontam sobre o mínimo de 100 observações para se realizar uma Análise Fatorial Exploratória (Hair et al., 2009). Damásio (2012) aponta que amostras maiores fornecem resultados mais precisos, não obstante, este autor ressalta que a qualidade da estrutura fatorial não depende só do número de participantes. A propósito, a solução fatorial da EII se mostrou estável no Estudo 2, quando se contou com uma amostra maior. Em possibilidades futuras é importante contar com amostras maiores, mais heterogêneas e distribuídas equitativamente quanto ao sexo, de modo que houve um número superior de mulheres nos dois estudos. No que tange à desejabilidade, é fundamental controlar esse

viés, seja com a aplicação de uma medida de desejabilidade social ou mesmo pensar na construção de uma medida implícita que mensure a predisposição para à infidelidade, procedimento este que pode minorar substancialmente esse viés (Gouveia, Athayde, Mendes, & Freire, 2012).

Por fim, apesar das limitações potenciais, os estudos ora descritos oferecem evidências de uma medida breve de intenções de infidelidade em relacionamentos amorosos, contando com parâmetros psicométricos promissores, que cumprem o que se espera na literatura. Deste modo, sugere-se que esta medida poderá ser utilizada em estudos futuros para conhecer os correlatos da infidelidade. Para além desta possibilidade de pesquisa básica, poder-se-á, ainda, utilizar esta medida no âmbito da prática clínica na Psicologia, sobretudo em intervenções que visem melhorar a qualidade do relacionamento, podendo a pontuação na EII ser um bom indicativo da efetividade da intervenção.

### Referências

- Ajzen, I. (1985). From intentions to actions: A theory of planned behavior. Em J. Kuhl & J. Beckmann (Eds.), *Action control: From cognition to behavior* (pp. 11-39). Berlim: Springer-Verlag.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179-211. doi: 10.1016/0749-5978(91)90020-T
- Ajzen, I. (2002). Perceived behavioral control, self-efficacy, locus of control, and the Theory of Planned Behavior. *Journal of Applied Social Psychology*, 32, 665-683. doi: 10.1111/j.1559-1816.2002.tb00236.x
- Allen, E. S., & Atkins, D. C. (2012). The association of divorce and extramarital sex in a representative US sample. *Journal of Family Issues*, 33, 1477-1493. doi: 10.1177/0192513X12439692
- Amato, P. R., & Previti, D. (2003). People's reasons for divorcing: Gender, social class, the life course, and adjustment. *Journal of Family Issues*, 24, 602-626. doi: 10.1177/0192513X03254507
- Baker, F. B. (2001). *The basics of item response theory*. Washington, DC: ERIC Clearinghouse on Assessment and Evaluation.
- Becker, D. V., Sagarin, B. J., Guadagno, R. E., Millevoi, A., & Nicastle, L. D. (2004). When the sexes need not differ: Emotional responses to the sexual and emotional aspects of infidelity. *Personal Relationships*, 11, 529-538. doi: 10.1111/j.1475-6811.2004.00096.x
- Brewer, G., & Abell, L. (2015). Machiavellianism and sexual behavior: Motivations, deception and infidelity. *Personality and Individual Differences*, 74, 186-191. doi: 10.1016/j.paid.2014.10.028
- Brewer, G., Hunt, D., James, G., & Abell, L. (2015). Dark triad traits, infidelity and romantic revenge. *Personality and Individual Differences*, 83, 122-127. doi: 10.1016/j.paid.2015.04.007
- Burdette, A. M., Ellison, C. G., Sherkat, D. E., & Gore, K. A. (2007). Are there religious variations in marital infidelity? *Journal of Family Issues*, 28, 1553-1581. doi: 10.1177/0192513X07304269
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Routledge.
- Damáσιο, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11, 213-228. Recuperado de [http://pep-psic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712012000200007](http://pep-psic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200007)
- Damáσιο, B. F. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico-USF*, 18, 211-220. doi: 10.1590/S1413-82712013000200005
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention, and behavior: An introduction to theory and research*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Mendes, L. A. C., & Freire, S. E. A. (2012). Introdução às medidas implícitas: Conceitos, técnicas e contribuições. *Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 12, 80-92. Recuperado de <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/50/50>
- Hair, J. F., Black, W. C., Anderson, R. E., Babin, B. J., & Tathan, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados* (6ª ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.
- Jackman, M. (2015). Understanding the cheating heart: What determines infidelity intentions? *Sexuality & Culture*, 19, 72-84. doi: 10.1007/s12119-014-9248-z

- Jones, D. N. (2009). *The personality of a cheater*. Manuscrito em preparação.
- Jones, D. N., Olderbak, S. G., & Figueredo, A. J. (2011). The intentions towards infidelity scale. Em T. D. Fischer, C. M. Davis, W. L. Yarber & S. L. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures* (pp. 251-253). New York: Routledge.
- Krueger, D. J., Fischer, M. L., Fitzgerald, C. J., Garcia, J. R., Geher, G., & Guitart, A. E. (2015). Sexual and emotional aspects are distinct components of infidelity and unique predictors of anticipated distress. *Evolutionary Psychological Science, 1*, 44-51. doi: 10.1007/s40806-015-0010-z
- Luo, S., Cartun, M. A., & Snider, A. G. (2010). Assessing extradyadic behavior: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences, 49*, 155-163. doi: 10.1016/j.paid.2010.03.033
- Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F. M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2016). Infidelity in dating relationships: Gender-specific correlates of face-to-face and online extradyadic involvement. *Archives of Sexual Behavior, 45*, 193-205. doi: 10.1007/s10508-015-0576-3
- Milfont, T. L., & Fischer, R. (2010). Testing measurement invariance across groups: Applications in cross-cultural research. *International Journal of Psychological Research, 3*, 111-121. doi: 10.21500/20112084.857
- Moller, N. P., & Vossler, A. (2014). Defining infidelity in research and couple counseling: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy, 41*, 487-497. doi: 10.1080/0092623X.2014.931314
- Olderbak, S. G. (2008). *Predicting relationship satisfaction in heterosexual couples longitudinally* (Dissertação de mestrado não publicada). Departamento de Psicologia, University of Arizona, Estados Unidos.
- Olderbak, S., & Figueredo, A. J. (2012). Shared life history strategy as a strong predictor of romantic relationship satisfaction. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology, 6*, 111-131. doi: 10.1037/h0099221
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pasquali, L. (2010). Testes referentes a construto: Teoria e modelo de construção. Em L. Pasquali (Ed.), *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e práticas* (pp.165-198). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília, DF: LabPam.
- Pornprasertmanit, S., Miller, P., Schoemann, A., Rosseel, Y., Quick, C., Garnier-Villarreal, M., ... Chesnut, S. (2015). *Package 'semTools'*. Cran.r-project.org. Recuperado de <http://cran.rproject.org/web/packages/semTools/semTools.pdf>
- Rao, D. (2014). An autopsy study of 68 cases of murder suicides. *International Journal of Forensic Science & Pathology, 2*, 24-27. Recuperado de <http://www.sci-doc.org/cp-13.webhostbox.net/articlepdfs/IJFP/IJFP-2332-287X-02-302.pdf>
- Rizopoulos, D. (2006). ltm: An R package for latent variable modelling and item response theory analyses. *Journal of Statistical Software, 17*, 1-25. Recuperado de <http://www.jwalkonline.org/docs/Grad%20Classes/Spring%2008/modmeas/homework/ltm.pdf>
- Rosseel, Y. (2012). Lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling. *Journal of Statistical Software, 48*, 1-36.
- Samejima, F. (1969). *Estimation of latent ability using a response pattern of graded scores*. Psychometrika Monograph Supplement No. 17. Richmond, VA: Psychometric Society.
- Schmitt, D. P. (2004). The big five related to risky sexual behaviour across 10 world regions: Differential personality associations of sexual promiscuity and relationship infidelity. *European Journal of Personality, 18*, 301-319. doi: 10.1002/per.520
- Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition and Emotion, 14*, 643-659. doi: 10.1080/02699930050117657
- Stevens, J. P. (1992). *Applied multivariate statistics for the social sciences* (2ª Ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Tagler, M. J., & Jeffers, H. M. (2013). Sex differences in attitudes toward partner infidelity. *Evolutionary Psychology, 11*, 821-832.
- Trøen, B., Holmen, K., & Stigum, H. (2007). Extradyadic sexual relationships in Norway. *Archives of Sexual Behavior, 36*, 55-65. doi: 10.1007/s10508-006-9080-0
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Whatley, M. A. (2008). Attitudes toward infidelity scale. Em D. Knox & C. Schacht (Eds.), *Choices in relationships* (p.19). Belmont, CA: Thompson Wadsworth Publishing.

Wilson, K., Mattingly, B. A., Clark, E. M., Weidler, D. J., & Bequette, A. W. (2011). The gray area: Exploring attitudes toward infidelity and the development

of the Perceptions of Dating Infidelity Scale. *The Journal of Social Psychology*, 151, 63-86. doi: 10.1080/00224540903366750

Recebido em: 11/08/2016  
Reformulado em: 24/04/2017  
Aprovado em: 29/08/2017

Sobre os autores:

**Valdiney Veloso Gouveia** é professor titular na Universidade Federal da Paraíba e pesquisador nível 1A do CNPq.  
*E-mail:* vvgouveia@gmail.com

**Renan Pereira Monteiro** é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí (2011), mestre (2014) e doutor (2017) em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, é professor do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).  
*E-mail:* renanpmonteiro@gmail.com

**Bruna da Silva Nascimento** é graduada em Psicologia (UFPI). É mestre em Psicologia Social (UFPB) e, atualmente, é doutoranda em Psicologia na Universidade de Bath.  
*E-mail:* bruna.s.nascimento@hotmail.com

**Tátilla Rayane de Sampaio Brito** é graduada em Psicologia (UFPI), mestre em Psicologia Social (UFPB) e, atualmente, é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UFPB).  
*E-mail:* tatila.rayane@hotmail.com

**Alessandro Teixeira Rezende** é graduado em Psicologia (UFPB) e, atualmente, é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UFPB).  
*E-mail:* als\_tx29@hotmail.com

**Maria Gabriela Costa Ribeiro** é graduada em Psicologia (UFPB). Atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UFPB).  
*E-mail:* mariagabicr@gmail.com

Contato com os autores:

Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia  
João Pessoa-PB, Brasil  
CEP: 58051-900  
Fone: + 55(83)32167856; Fax: +55(83)32167064